



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7314 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A PANDEMIA DO COVID-19 E AS CRIANÇAS: ESTUDO DAS VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES EM ÉPOCA DE ISOLAMENTO SOCIAL

Rosimere Ferreira da Penha - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Patrícia Maria Uchôa Simões - Fundação Joaquim Nabuco

A PANDEMIA DO COVID-19 E AS CRIANÇAS: ESTUDO DAS VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES EM ÉPOCA DE ISOLAMENTO SOCIAL

Introdução

A pandemia de COVID-19 causou mudanças no cotidiano das crianças, como consequência da suspensão das aulas, do convívio mais intenso nas famílias e da limitação na mobilidade. Todas essas, entre outras, transformações devem ter efeitos ainda imprevisíveis. O estudo das vivências e percepções das crianças sobre esse momento podem nos fornecer importantes elementos para o nosso conhecimento das realidades sociais e implicações para as práticas educativas e de sala de aula.

Segundo Sarmiento (2017), capturar a voz das crianças através das revelações e percepções que as mesmas projetam nas suas interpretações com imagens e formas, constituem parte da reflexão que é importante para o conhecimento do mundo social no qual ela está inserida e suas interpretações da realidade. Também, Sarmiento e Trevisan (2017), nos explicam como a pesquisa das Infâncias pode nos revelar sobre os adultos e a sociedade em geral, “as interpretações da realidade social feita pelas crianças constituem parte da reflexividade institucional da modernidade e, nesse sentido, alargam o campo interpretativo disponível” (p.22). A pesquisa das infâncias deverá se debruçar sobre esse contexto que é novo para ambos, crianças e adultos, com significados que serão particulares e coletivos, ao mesmo tempo.

O presente estudo pretende analisar narrativas gráficas de crianças sobre a pandemia e o isolamento social. A relevância dessa investigação está na contribuição que a pesquisa pode oferecer aos professores(as) e demais profissionais que atuam direta ou indiretamente com as infâncias nas escolas e em outros espaços, como as famílias, apontando as construções que efetivam processos de produção de saberes pelas crianças e favorecem relações de alteridade nas interações da criança com seus pares, adultos e crianças.

Necessitamos de ferramentas e meios para nos confrontarmos com as vozes das crianças, no sentido de produzir conhecimentos que visibilizem suas condições de desenvolvimento, suas aprendizagens, a garantia (ou ausência da garantia) dos seus direitos e da sua condição de sujeito.

Fundamentação Teórica

O campo teórico interdisciplinar nominado Estudos Sociais da Infância tem como propósito refletir as vivências das crianças, a partir do rompimento com os essencialismos dos estudos que se estruturam a partir de dicotomias criadas na e pela modernidade, como cultura e natureza, indivíduo e sociedade, ambiente e hereditariedade.

Desde a segunda metade do século XX, essa perspectiva de investigar as infâncias vem sendo desenvolvida e sendo traduzida em procedimentos e instrumentos de pesquisa que buscam se aproximar da infância, vê-la e escutá-la, problematizando os adultocentrismos dos pesquisadores e realçando a diferença entre crianças, sujeitos da pesquisa, e adulto, pesquisador.

A criança é, pois, um ser capaz e alguém de quem se deve ouvir a fala e não somente falar sobre ela, atentar para a capacidade de reprodução interpretativa que apresenta quando assimila, interpreta e ressignifica a cultura na qual está inserida, sendo afetada, mas também afetando a sociedade em que vive. (CORSARO, 2009; 2011; SARMENTO, 2004; 2005; 2008).

Sendo assim, a criança identifica como a realidade impacta sua vida e a das pessoas que a cercam, dando sentido e significados com maior ou menor complexidade e construindo suas narrativas. Para Benjamin, segundo Werle e Bellochio (2015), esse processo se dá a partir do imbricamento de três campos que constitui sua integralidade: "o sensorial, o corporal e o estético", que atuam na produção de sentidos para a criança, e se revelam em suas produções.

Estes processos são vividos e significados pelo corpo que atua como um decodificador (SAYÃO, 2008), com o qual, a criança através da exploração e da brincadeira vai significando o mundo. Assim, pois, como uma superfície de inscrição dos acontecimentos, construído socialmente por diferentes tempos, espaços e grupos sociais, o corpo se expressa objetiva, subjetiva e simbolicamente (FOUCAULT, 2002), sendo, portanto, o instrumento no qual a experiência é inscrita e a realidade narrada.

Portanto, apesar de não ser o grupo geracional no qual a COVID19 apresentou maior incidência, a pandemia impactou de imediato a vida das crianças inserindo novas rotinas, artefatos(máscara), valores e ideias ao mesmo tempo que produzindo medo e tensão. O isolamento social impossibilitou a presença das crianças, junto as pessoas queridas e uma profunda apreensão foi gerada pela possibilidade de ser atravessada por este mal que circunda o entorno e está presente no cotidiano.

Este estudo buscou, através das narrativas contidas nos desenhos, compreender como as crianças estão significando e ressignificando o isolamento, os sentimentos de medo, tensão, apreensão e distanciamento.

Procedimentos metodológicos: as construções interpretativas estruturadas pelas crianças

Para a realização da pesquisa, solicitamos a colaboração das famílias que estão em isolamento social. Enviamos as orientações para o registro das produções que assumiram as formas de

desenho, fotografias tiradas por elas, textos e/ou vídeos que representem suas vivências e percepções das situações do cotidiano e de sua compreensão sobre a pandemia.

As crianças foram solicitadas a responder através de diferentes linguagens duas questões: (i) O que é o coronavírus? (ii) Como está sendo o isolamento que você está vivendo?

Orientamos as famílias para que, se possível, registrassem o processo de produção e que seria imprescindível constar a idade, o sexo da criança e, se assim desejarem, o nome da criança.

Os resultados foram analisados com a compreensão de que a condução da pesquisa na infância deve trazer a possibilidade de um olhar interdisciplinar que favoreça estudos dos mais variados aspectos: sociológico, antropológico, psicológico, histórico, ambientais, arquitetônicos, biológicos, e suas configurações, para que assim, possamos superar os desafios éticos e metodológicos presentes na pesquisa da infância (NASCIMENTO, 2015).

Para interpretar estas narrativas se levou em consideração o contexto de pandemia e o isolamento social, os sentidos explícitos dados a este momento, os elementos formais e suas gramáticas (códigos de cores, figuras, traços identitários etc.), mas também o que é apenas sugerido pelas crianças (SARMENTO, 2017).

Análise dos desenhos

Neste estudo, foram analisadas as narrativas apresentadas em sete dos desenhos que compõem o banco de dados da pesquisa. Todos os desenhos foram feitos em papel branco a lápis grafite e coloridos.

A escolha dos desenhos considerou a presença da referência ao corpo significando os sentimentos de tensão, medo, tristeza, mas também proteção, segurança, e possibilidades.

No primeiro desenho, observamos uma cor única, um traço forte e firme, onde todo o espaço interno é pintado com consistência, utilizando-se de três traços formando olhos e boca, firmes e contundentes.



Autor: Heitor, 5 anos

Na narrativa gráfica, percebe-se a impiedade e agressividade do vírus que parece provocar o sentimento de medo no autor do desenho. Ao descrever seu desenho, Heitor conclui que “precisamos ficar em casa”.

Representação semelhante está presente no desenho a seguir, que se utiliza das expressões e

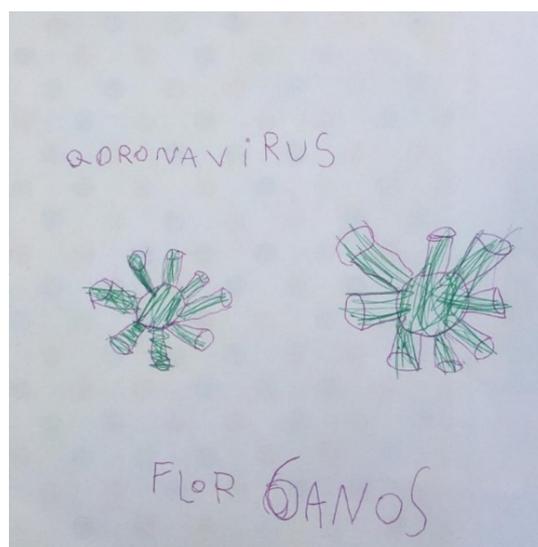
do traço forte na pintura faciais criando uma boca assustadora e olhos que também seguem a mesma perspectiva para demonstrar o perigo contido no vírus.



Autor: João Miguel, 5 anos

Assim, Heitor e Miguel narraram seus sentimentos causados pelo vírus. O temor é comunicado pela forma como os traços se apresentam no desenho isto demonstra o quanto eles se apropriaram das sutilezas para representar a realidade de impactos e rupturas impostas ao cotidiano.

No desenho abaixo, o vírus é representado de forma que apresenta uma ideia de movimento, algo que tem mobilidade, que flui, isto se configura na distância apresentada de um vírus para o outro no espaço do papel, dando certa perspectiva de distanciamento mas sugerindo aproximação.



Autora: Maria Flor, 6 anos

O desenho apresenta uma narrativa na qual a ameaça parece estar significada pelo

movimento. O vírus é algo em movimento que caminha, flutua e nesta dinâmica se aproxima, um distante com potencial para se aproximar e pode está perto a qualquer momento, por isto a necessidade de representar também o distanciamento na sutileza da representação do espaço entre vírus.

O próximo desenho apresenta um corpo paralisado diante da aproximação da colônia de vírus, as expressões do rosto é de temor pela boca grande redonda que sugere um grito e impotência pelo olhos caídos demonstrando falta de força para resistir.



Autora: Laura, 5 anos

Assim, a narrativa apresenta a ideia de aproximação com bastante ênfase, o vírus está ocupando os espaços e aproximando-se sem que a figura possa reagir ao ataque, o que demonstra certa imobilidade do corpo diante da ameaça do vírus. Fica evidente o sentimento de temor, provocado pela realidade que envolve o cotidiano na atualidade, não há possibilidade de escapar dos vírus, eles estão por todos os lados e isto é aterrorizante, esta perspectiva percebida no desenho reflete a percepção e a representação dos sentimentos presente hoje na sociedade.

A seguir, apresentamos o desenho de Chico Teixeira no qual a narrativa se desenvolve em seqüências: primeiro o vírus é percebido apenas por uma foto tirada pelo microscópio e isto é representado por um símbolo no canto esquerdo do papel, depois quando quis representar a pessoa infectada pelo vírus, ele desenhou uma pessoa com vários membros que simbolizava as pernas do vírus integrando o corpo da pessoa, na seqüência, a pessoa agora doente é representada por um aspecto de tristeza nos traços dos olhos, boca e na cabeça inclinada que dá expresividade no detalhe.



Autor: Chico, 5 anos

Este detalhe parece querer representar não só a tristeza mas também, uma certa desolação da pessoa quando doente, ao desenhar a figura humana com a cabeça deslocada para baixo a narrativa configura a percepção e representação dos sentimentos imaginados por esta criança. Por fim, ele traça o caminho que leva ao edifício, o local que representa abrigo, a busca da proteção e segurança.

Novamente apresentamos uma produção de Laura, o desenho traz a imagem de três figuras, sugerindo uma ideia de família, com pai, mãe e a filha, um traço escuro está delimitando o espaço interno do ambiente externo evidenciado pelo azul do céu.



Autora: Laura, 5 anos

A narrativa gráfica sugere a proteção pelo traço largo e forte que separa as figuras do ambiente externo. O sentimento de ameaça e perigo são revelados nas expressões dos rostos das figuras do pai, da mãe e da criança que apresentam bocas e olhos bem abertos sugerindo tensão e/ou medo, no entanto, a criança faz certa alusão a proteção e segurança quando coloca-se na companhia do pai e da mãe, como também por estar dentro de um limite que a protege do externo. Assim o sentimento de segurança e proteção estão simbolizados através destas referências, estas representações possibilitam a compreensão das percepções e entendimentos acerca da pandemia representada na narrativa gráfica de

Laura.

O desenho, a seguir, impressiona pela riqueza de detalhes. No canto superior esquerdo do papel, está o avô longe, mas protegido pela máscara. Raphael se auto-retrata jogando bola, mais perto que longe do avô, mas dando uma perspectiva de ligação. A irmã está brincando, próximo a ela está retratado o coronavírus. A mãe encontra-se entre a irmã e o pai, com a responsabilidade de ensinar a tarefa e o pai trabalha no computador, todos aparecem no mesmo espaço mas, com atividades diferentes suscitando a existência de uma nova rotina.



Autor: Raphael 4 anos

A narrativa sugere uma certa percepção de mudança no cotidiano, o trabalho do pai se realizando no mesmo espaço onde a mãe ensina a tarefa da escola, enquanto ele e a irmã brincam, o vovô fica longe, o que sugere que o vovô já esteve perto, a narrativa segue apresentando também percepções de distanciamento/proteção e proximidade/perigo: o distanciamento é representado pelo vovô longe mas, logo a máscara aparece como instrumento de proteção, a caracterização do perigo por proximidade está presente no fato do coronavírus está retratado próximo a irmã Júlia, o que revela a percepção da existência de algo perigoso no cotidiano. Assim, o cotidiano é percebido e narrado no desenho através de símbolos que nos favorece perceber como a proteção e o perigo são configurados por proximidades e distanciamentos e como Raphael de 4 anos foi competente em perceber e narrar as mudanças e perigos que a pandemia trouxe para o cotidiano.

Conclusões e Considerações

A pesquisa procurou capturar através das narrativas gráficas, o cotidiano das crianças para investigar as representações nas quais, a mediação cultural se evidencie nas relações das crianças com seus pares, adultos e crianças, revelando como elas atuam na assimilação, reprodução e produção de significados acerca das tensões, medos, tristezas distanciamentos/proteção e aproximações/perigos, utilizando elementos do real e do imaginário para simbolizar os sentimentos presentes neste momento de suspensão em que tiveram seus cotidianos extremamente impactados e modificados.

O contexto no qual foi realizado este estudo nos mobiliza a reafirmamos a infância como construção social, plural e diversa que é construída mediante a interação contínua entre atores humanos, compreendendo que a inserção concreta das crianças e que seus papéis variam de acordo com as formas de organização social na qual estão inseridas, portanto, sua total dependência em relação ao adulto é fato social e não natural, assim como, a divisão do

poder desigual é uma questão ideológica que resulta da dominação de um grupo etário sobre o outro.

Esta investigação produziu conhecimentos que pode oferecer aos professores(as), elementos que venham a favorecer as práticas pedagógicas no que se refere a compreender que o desenho da criança procura ilustrar aquilo que ela pensa sobre uma determinada realidade na qual está inserida, podendo ser num contexto pessoal, ambiental ou sociocultural, assim o desenho, pode se caracterizar como um instrumento de produção de saberes auxiliando na ressignificação dos processos pedagógicos no âmbito escolar, como também, promover compreensões que favoreçam o reconhecimento nos ritmos de desenvolvimento e interesses das crianças. Identificando os desenhos como narrativas gráficas, sem exigir estética conceitual adultocêntrica.

Neste estudo afirmamos que as crianças através do desenho narram suas vivências construindo representações próprias acerca do contexto social no qual estão inseridas, exprimindo suas culturas infantis, transfigurando imaginariamente o real e o apresentando através de recursos simbólicos como traços e cores que estruturaram o conteúdo a ser comunicado (SARMENTO, 2017) em um esforço para garantir a comunicação e a compreensão do que está expresso por sua narrativa gráfica.

Nesta análise foi possível perceber como o cotidiano da pandemia tem sido simbolizado pelas crianças como um momento de tensão, tristeza, apreensão e medo, as narrativas expressam a compreensão de um perigo constante, representado a todo momento como algo que está presente no espaço de convivência. O recolhimento em suas casas na companhia dos familiares, principalmente para as crianças desta pesquisa que são oriundas de classe mais favorecida, é momento de proteção, segurança e acolhimento. As crianças apresentam o espaço da casa como um lugar onde o cotidiano tem exigido outra dinâmica na forma de estar em casa, experimentada agora como um lugar de trabalhar, estudar e brincar.

A criança vive os impactos da pandemia em sua realidade e através dos processos interpretativos de transfiguração do real ela atribui sentido e narram atitudes e comportamentos que vem se ajustando no cotidiano, mobilizando o imaginário ela expressa o que interpretou e dando forma aos desenhos possibilita o entendimento dos modos de percepção e das perspectivas de representação dos efeitos da pandemia em suas vidas.

Esperamos que esse estudo das representações de crianças contribua com o trabalho docente durante e após a pandemia, possibilitando a construção de processos educativos sensíveis às emoções e cognições que as crianças estão vivenciando nesse período único de suas vidas.

Referências Bibliográficas

Abramowicz, A; Moruzzi, A. B. O plural da infância: aportes da sociologia. 2011.

Almeida, A. M. (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, , p. 31-50, 2009

Bakhtin, M. (2003). Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. (2017). Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. São Paulo: Editora 34.

Corsaro, W. A. (2011). Sociologia da Infância. Porto Alegre: Artmed.

Foucault, M. (1989). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.

Nascimento, M. L. B. P. Como se conduz a pesquisa da infância quando a educação é mais um campo a compor seus estudos? *Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 79-93, jan./abr. 2015

Sarmiento, M. J.; Trevisan, G. A crise social desenhada pelas crianças: imaginação e conhecimento social. *Educar em revista*, p. 17-34, 2017.

Simões, P. M. U.; Resnick, R. A pesquisa das infâncias como possibilidade de encontros e trocas de conhecimento. In: Moraes, Edclécia Reino Carneiro de; Fátima Maria Leite; Santos, Maria de Fátima de Souza; Aléssio, Renata Lira dos Santos Aléssio (orgs.). *Interação social e desenvolvimento humano [recurso eletrônico] /organizadores: – Recife: Ed. UFPE, 2019.*

WERLE, K.; BELLOCHIO, C. R. Infância e experiência: fragmentos autonarrativos no estudo das culturas infantis. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 18, n. 56, p. 279-298, jan./mar. 2018.

Palavras-chave: criança – vivências e percepções – pandemia – Coronavírus.